1.º anno | Lisboa, 6 de abril de 1885 | Numero 41

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Cantares*, versos, por Manuel de Moura.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*Imagem da vida*, versos, por A. Marinho da Silva.—*As nossas gravuras*.—*Nocturne*, soneto, por Medeiros e Albuquerque.—*Em familia*. (*Passatempos*).—*Um conselho por semana*.—*Ideal*, soneto, por A.—*O erro*, por Esmeralda.
GRAVURAS.—*O Campo da Feira, em Guimarães*.—*Um amador de trompa*.—*Vindimando*.—*A' volta da missa*.—*Guardado está o bocado*...

CHRONICA

Alleluia!

Mais uma vez se desenrolou diante de nós o triste simulacro do sublime drama do Calvario, representado ha quasi vinte seculos. Mais uma vez os templos se abriram á veneração dos fieis, e as confeitarias se esvaziaram pela gulodice dos lambareiros.

Egrejas e *bonbons* foi o *mot d'ordre* d'esta semana, que se iniciou com uma saraivada de granizo, e que foi deslizando lentamente por entre umas ventanias agrestes, de perfeito inverno.

Sermões e amendoas não faltaram. A lithurgia canonica deu-nos o canto-chão soturno das grandes solemnidades religiosas, garganteado plangentemente pelos velhos conegos da Sé de Lisboa,—se é que ainda ali ha conegos,—e os confeiteiros da Baixa deram-nos os macrobios canelões do estylo, exhibindo á contemplação extatica do indigena embasbacado umas cartonagens banaes, d'armar ao effeito.

Vieram a proposito os canelões e a Semana Santa. A religiosidade d'esta e as doçuras d'aquelles tiveram o condão de fazer esquecer a politica, de acabar com o litigio pouco edificante en-

O CAMPO DA FEIRA, EM GUIMARÃES

tre os novos e os velhos directores da companhia dos caminhos de ferro do Norte e Leste, de pôr termo a muita questiuncula que para ahi se debatera durante a quaresma, d'envolta com as questões do *bill*, da reforma aduaneira e do supposto parto da Margarida Alvarez.

Offensas proferidas, diatribes forjadas, doestos trocados no ardor da peleja, tudo se engulíu d'envolta com meio kilo de *marrons glacés* e de *bonbons* de chocolate. Offensores e offendidos, todos elles beberam pela taça da amisade, depois d'ingerirem em familia as amendoas e o fólar da Paschoa, perante a imagem sacrosanta do Nazareno Crucificado.

Tambem Elle perdoou a Caifás: não é muito que a humanidade se perdoe as injurias reciprocas.

Até a formosa Eugenia dos Santos, a celebre victima da concupiscencia de Pedro Soriano, cedeu ao influxo religioso da semana finda, perdoando ao seu ex-amante, e trocando o bulicio infrene do mundo pela doce paz d'um recolhimento!

Em França, é que as festividades da Egreja e as doçuras dos confeiteiros não fizeram esquecer a politica, nem a embriaguez da Van Zandt, nem os acontecimentos da China, nem os aggravos do governo Ferry, nem a retirada do bravo general Négrier ferido, diante d'uma avalanche de chinezes furiosos, nos plainos de Bang-Co.

Fugindo dos templos e das *pâtisseries* para os *boulevards*, os parizienses não se importaram com os sermões nem com as lambarices da quaresma, e pediram em altos berros a demissão do gabinete, e intimaram o director da *Opera Comique* a que expulsasse do theatro a *diva* Van Zandt.

E o caso é que o governo baqueou por terra, a pontapés *au derrière*, como diz o *Figaro*, e que a formosa cantora não tornou mais a apresentar-se no palco.

O litigio entre o urso moscowita e o leopardo britannico tambem não findou com a apparição do Nazareno ensanguentado no altar dos templos. Russos e inglezes não se deixaram commover ante a commemoração do drama do Golgotha, e vão dar ao mundo, em pleno seculo XIX, o tristissimo espectaculo d'uma guerra medonha, por causa da eterna questão do Afghanistan.

Em Hespanha, na visinha Hespanha perante a qual nós nos desentranhamos em expansões de infinita ternura caridosa, oito bandidos assalariados esperam que o rei D. Affonso visite as egrejas em quinta feira maior, para lhe crivarem o peito de punhaladas assassinas.

Se uns aguaceiros providenciaes não inhibem o monarcha hespanhol de fazer a sua costumada excursão piedosa pelos templos madrilenos, a chronica teria, talvez, de registrar a estas horas mais um regicidio infamissimo.

Decididamente, nós somos o povo mais ordeiro, accommodado e religioso de toda a Europa.

Mas como não ha belleza sem senão, era mister que este nosso remanso dulcissimo de plena Paschoa e de pleno abril fosse quebrado pelo caso *Denise*—Torrezão—Dumas, um caso que se vae azedando muito soffrivelmente, apezar de estarem envolvidos n'elle uma senhora e um homem de letras d'alto cothurno, como é o auctor da *Dama das Camelias*.

Todos os nossos escriptores, bons e maus, *d'élite* e de refugo, leram sem protesto a epistola agri-doce de Dumas.

Uns d'elles, conscios de que traduziam mal as peças francezas, e outros, convencidos de que pagavam ainda peior aos authores os direitos respectivos, calaram-se muito bem caladinhos, deixando correr o marfim, que é—como quem diz—encaixando a carapuça até ás orelhas.

Mas Beldemonio, o brilhante ex-chronista do *Diario Illustrado* e o talentoso traductor de Zola, é que não esteve para se encarapuçar como os demais collegas. Mordido pelas phrases amargas de Alexandre Dumas, onde ha muito d'injusto e não pouco de offensivo para a dignidade dos escriptores portuguezes—sejamos francos—Beldemonio mostrou ao author da *Denise*, em carta explicativa publicada no *Correio da Noite*, que era elle o menos competente para avaliar o merito das traducções do francez feitas em Portugal, por não saber uma palavra do nosso idioma: provou-lhe que a *Odette* de Sardou, representada em Lisboa, vazara nos bolsos do seu author dois mil francos, de direitos de traducção; que o *Germinal* de Zola fôra comprado a este por mil e quinhentos francos; e que o emprezario Schurmann, na sua ultima *tournée* com a Judic, deixara de pagar aos authores francezes os direitos das peças representadas na Trindade, sendo preciso que um portuguez o compellisse a pagal-os, etc., etc.

Varrendo a sua testada do epitheto de larapios com que Dumas nos brindou, Beldemonio foi altivo e digno, sem comtudo, conseguir absolver do peccadilho de roubo litterario todos quantos ahi teem explorado e continuam a explorar o theatro francez por sua conta, enthesourando os proventos do negocio illicito.

Onde Beldemonio nos pareceu menos generoso e menos justo foi nas suas invectivas contra a traductora da *Denise*, se bem que a nossa collega até certo ponto as merecesse, não pela falta de talento, que o tem e formoso, mas pelo prurido de se pôr em evidencia, que muitas vezes a arrasta a estas questiunculas miserandas.

Ella não tem culpa de que Alexandre Dumas filho, desconhecendo completamente Portugal e as suas individualidades litterarias, a encarregasse de nos ensinar francez e viesse chamarnos ratoneiros emeritos. O seu unico erro sujeito á critica, erro que nós deploramos profundamente, consiste em não ter podido resistir á pequenina vaidade de publicar a carta de Dumas nas gazetas mais lidas de Lisboa.

Publicando-a, sanccionou as palavras do author da *Denise*; approvou tacitamente o epitheto que elle nos dera; arvorou-se em mestra de francez perante cuja sciencia temos de curvar-nos; sujeitou-se aos reparos e ás aggressões de todos os seus collegas profundamente injuriados.

Uma carta d'aquellas recebe-se e guarda-se. Tanto mais que nem todas as traducções da nossa collega são impeccaveis, quer na forma, quer nos processos sujeitos á reprimenda acre de Dumas.

Em todo o caso, a critica deve lembrar-se, antes de formular os seus desaggravos até certo ponto justificados, de que tem por adversario uma senhora, uma simples *demoiselle* trabalhadora e honesta.

Aos pés do bello sexo, mesmo quando elle se deixe arrastar um poucochinho pela vaidade que lhe é propria, não se arremessam injurias: desfolham-se flores.

Quantos ha por ahi que teem feito peior, e sem protesto!

De theatros não fallo, porque os theatros estiveram fechados, emquanto as egrejas se conservaram mergulhadas em trevas densas e profundas.

Só hoje, depois dos canticos festivos da Alleluia, as casas de espectaculo accordarão do seu lethargo de tres dias, ao mesmo tempo em que, nos talhos floridos, se fará a apotheose da carne de vacca e dos chouriços de Portalegre.

S. Carlos promette-nos, em primeira recita, a *Carmen* de Bizet, com *malagueñas*, bailados hespanhoes, acepipes de castanholas e pandeiretas, musica alegre e apimentada, scenario vistoso e vestuario garrido.

No Colyseu, n'aquelle circo folião e patusco, onde a esculptural Elvira Magni punha, ainda ha pouco, as irradiações da sua belleza fascinadora, vamos ouvir o *Ernani*, de Verdi, cantado por uma bella *troupe* d'opera italiana, que hoje nos apparece pela primeira vez, e que se destina a ser a *great attraction* das noites estrelladas d'abril.

Musica por toda a parte, como veem: um famoso concerto d'artistas, saudando a Primavera ao desafio com as andorinhas, e entoando um Alleluia, que resoa desde a rua Nova dos Martyres até á avenida da Liberdade!

C. Dantas.

CANTARES

VI

Privou-me da sua luz
O sol, que tudo alumia!
Foi com inveja—suppuz,
Da que de ti se irradia . .

VII

Agua que vaes na levada,
Ao passar, gemendo endeixas,
A' porta da minha amada,
Repete-lhe as minhas queixas.

Manuel de Moura.

GARRETT E O SEU TEMPO

XIV

Lamentamos devéras não encontrar no livro do sr. Gomes de Amorim noticia mais ampla da vida de Garrett como auctor dramatico; sabemos bem que é difficil ser minucioso quando se trata d'esta singular personalidade, que em todos os generos em que se manifestou occupou sempre um dos primeiros logares, que tudo revolveu e revolucionou no campo litterario, e que, ao mesmo tempo que escrevia o *Auto de Gil Vicente*, proferia o discurso do Porto Pireu, redigia o projecto de lei para garantir a pro-

priedade litteraria com o seu magnifico relatorio, colleccionava o encantador volume do Romanceiro, e modulava as delicadas estrophes das *Minhas azas*. E' difficil, bem sei; e muito estranhavel seria que dirigissemos uma censura d'este genero ao sr. Gomes de Amorim, que tão interessantes noticias compilou nos seus tres volumes. Mas apesar d'isso confessamos que temos pena de ficar sem conhecer, depois de folhearmos livro tão abundante de noticias e de factos, o Garrett dos bastidores, o Garrett dos ensaios, o Garrett das primeiras representações; porque de todas as manifestações do talento de Garrett, é talvez a manifestação theatral, a que o torna mais digno do applauso e do enthusiasmo dos portuguezes.

Foi Garrett o regenerador do theatro portuguez. Tem-se dito e repetido. As suas obras immortaes deram o impulso, deram o impulso primeiro; mas que magnifico portico para tão mesquinho edificio! Garrett subiu logo tão alto que parece que os outros perderam a vontade de o imitar, e preferiram enfileirar-se na phalange dos mélo-dramaturgos da Porte Saint-Martin, phalange onde era mais facil o assentamento de praça do que n'essa *élite* dos espiritos delicados, a que pertencia Garrett, e que, superior á voga e á moda, procura os seus effeitos theatraes no estudo sincero e profundo dos affectos e das paixões da humanidade.

Ah! como nós desejariamos ver com os olhos da imaginação a sala da Rua dos Condes, n'essa noite memoravel de 15 de agosto de 1838, em que pela primeira vez subiu á scena o *Auto de Gil Vicente!* Como desejariamos que o sr. Gomes de Amorim nos descrevesse o publico, os actores, o scenario! Queriamos saber quem foi que vestiu os personagens do auto das *Côrtes de Jupiter*, quem eram os actores que faziam os papeis de Gil Vicente, e de Bernardim! Queriamos que nos contasse as impressões do auctor e que nos dissesse onde tinham rebentado os applausos, onde estrondeára a ovação. Pois o sr. Gomes de Amorim, auctor dramatico distinctissimo, apaixonado pelas coisas do theatro, nas suas longas conversações com Almeida Garrett, conversações onde, demais a mais, já havia a premeditação da biographia, nunca teve a curiosidade de evocar essas recordações gloriosas, afim de nos poder dar uma descripção completa d'essa noite em que nasceu o theatro portuguez do seculo XIX, theatro, que, a avaliar-se pelas primeiras peças, devia com o tempo vir a ser um dos mais brilhantes da moderna Europa? Temos pena realmente, nós que tão minuciosamente conhecemos a historia dos ensaios e da primeira representação do *Antony* e do *Hernani*, de não conhecermos tambem a historia da primeira recita do *Auto de Gil Vicente*.

O sr. Gomes de Amorim apenas nos conta um bom dito de Garrett. Perguntavam-lhe o que fôra feito de Bernardim Ribeiro, se, atirando-se ao Tejo, conseguira salvar-se. «Não lhe sei responder, redarguiu Garrett com o bom humor e a alegria desenfastiada de um triumphador. Essas coisas são com o sr. Meyrelles, contra-regra. Faça favor de se dirigir a elle.»

Com egual rapidez falla o sr. Gomes de Amorim do *Alfageme de Santarem, Fr. Luiz de Sousa, D. Philippa de Vilhena* e *Sobrinha do Marquez*, essas obras primas do moderno theatro que se deveriam representar todos os annos no nosso theatro normal, como se representa sempre no Theatro Francez o reportorio de Racini, de Molière e de Corneille.

Apreciamos muito o Garrett folhetinista, o Garrett poeta, e o Garrett orador, mas o Garrett dramaturgo tem uma importancia excepcional. Ah! se os nossos actores fossem obrigados a representar Garrett todos os annos, como elles se acostumariam a procurar a naturalidade, a dizer simplesmente aquella prosa simples e clara, e a encontrar os seus effeitos no estudo accurado d'aquellas guiferas tão humanas, tão verdadeiras, tão illuminadas pelo brando fulgor do genio mais delicado e ao mesmo tempo mais profundo que tem apparecido na litteratura portugueza!

O repertorio de Garrett, conhecido, consta da *Merope*, velha tragedia que representa um sacrificio feito pelo grande poeta nos altares das musas antigas; do *Catão*, cuja historia já conhecem s; do *Auto de Gil Vicente*, a grande peça inaugural do theatro portuguez regenerado; do *Alfageme de Santarem*, um *Arco de Sant'Anna* theatral, onde, sob os trajos do seculo de D. João I, se faz a critica dos eternos ridiculos, e se levanta o véu que esconde em todos os tempos os mysterios do coração humano: do *Fr. Luiz de Sousa*, uma das obras primas immortaes do theatro da humanidade, peça que ha de ficar como ficaram as de Shakespeare e as de Molière, como ficam todas as obras de arte em que palpita com os frémitos de verdadeiro sangue o coração humano; da *Philippa de Vilhena*, uma peça admiravel que prova bem o seu inexcedivel gosto, porque soube ver, encontrar e descrever o lado humano e verdadeiro d'essa heroina que outro qualquer nos descreveria a fazer prédicas campanudas aos filhos; da *Sobrinha do marquez*, essa comedia adoravel que não foi comprehendida pelo publico, talvez porque os actores começassem tambem por não a comprehender, o que não admira, porque nada ha mais difficil para um artista do que dar o tom verdadeiro a esses grandes vultos que Garrett nos desenha sempre com uma simplicidade encantadora, mas por isso mesmo difficillima, que ser simples sem ser trivial só o conseguem os grandes genios artisticos; do *Fallar verdade a mentir* e do *Tio Simplicio*, duas adaptações de peças francezas á scena portugueza, onde Garrett, que em tudo soube ser mestre, ensinou o modo de fazer imitações: das *Prophecias do Bandarra*, uma farça genuinamente portugueza, em que o grande homem, á sua vontade e desenfastiadamente, sem fazer caso da critica nem da posteridade, deu largas ao seu bom humor, e riu a fartar, e por isso mesmo faz rir o publico a bandeiras despregadas sempre que se representa essa peça jovialissima; e, finalmente, do *Noivado no Dafundo*, peça escripta em condições perfeitamente semelhantes, e que tem sobretudo de notavel uma dedicatoria a Francisco Palha, escripta em verso no genero dos da *Fabia*, que mostram a flexibilidade extraordinaria d'aquelle maravilhoso talento, que em todos os generos, desde os mais levantados até aos mais frivolos, sabia imprimir o seu cunho magistral:

> O' tu, que as praias do Dafundo habitas,
> E abertos olhos na ventura fitas
> Como a aguia fita o sol, eu te saúdo!
> . . . .

Além d'estas peças, sabemos agora que chegou a escrever umas scenas da *Ignez de Castro*. Diz o sr. Gomes de Amorim que a peça se passava depois da morte da famosa amante de D. Pedro. E' quasi impossivel, a não ser que o grande poeta quizesse arrancar ao assumpto, como os tragicos gregos ao da morte de Agamemnon, o elemento da fatalidade, e fazer d'elle o principal agente do seu drama. Effectivamente, assim como da morte de Agamemnon resulta o destino tragico de Electra e de Orestes—os dois santos parricidas—assim como o sangue dos Atridas parece inquinado de uma fatalidade atroz, que faz brotar a cada passo as tragedias, assim tambem parece que do sangue de Ignez de Castro não brotam senão o horror e a desventura. Talvez o drama fosse afinal baseado no tragico destino dos dois filhos de Ignez de Castro, D. João e D. Diniz.

Conta-nos o sr. Gomes de Amorim com mais individuação o zelo de Garrett pelo conservatorio que fundara; mostra-nos como elle se entregava com enthusiasmo a tarefa ingloria de emendar e corrigir os monstros dramaticos que lhe passavam pelas mãos: aventa a idéa, que tambem já tinhamos, de que o *Camões do Rocio* é mais de Garrett do que de Feijó que o assigna, e mostra conhecer tambem o famoso drama *Camões*, cujo manuscripto ainda vimos nos archivos do theatro de D. Maria, e que nos fez rir a bandeiras despregadas. Na ultima scena, o Jau depois de fechar os olhos ao poeta, bradava: Quem ha de agora vingar a memoria de Camões? Respondia uma voz nos bastidores:

João Baptista Leitão de Almeida Garrett!

O author d'esta peça extraordinaria era um cirurgião militar, cujo nome nos não occorre agora. Imaginem como o pobre Garrett ficaria, ouvindo ler esta peça, e confessemos que precisava de ter um enthusiasmo immenso pelo theatro portuguez para resistir a tantos desenganos.

Effectivamente o theatro portuguez do seculo XIX ficou, da mesma forma que as capellas imperfeitas da Batalha, só com essa arcaria maravilhosa que o genio de Garrett levantou.

PINHEIRO CHAGAS.

IMAGEM DA VIDA

(IMITAÇÃO)

> A' mãe pergunta a creança
> Junto ao regato a sorrir:
> «Quando regressa esta agua
> Que d'aqui vejo partir?»
>
> E a mãe, que o filho fitava,
> Depressa a palavra solta:
> «A agua, filho, que corre,
> Caminha sempre e não volta.»
>
> «E' pura imagem da vida;
> Voltar atraz quem podera!
> Ficavas sempre, meu filho,
> N'uma eterna primavera!»

Março, 1885. A. MARINHO DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CAMPO DA FEIRA, EM GUIMARÃES

E' um dos logares mais pittorescos da antiga villa, berço da Monarchia portugueza, e hoje uma das cidades mais formosas e mais florescentes da provincia do Minho.

Sobranceiro ao largo que desenha a nossa estampa, está o monte da Penha, uma das mais bellas creações da natureza, pela sua

UM AMADOR DE TROMPA

Á VOLTA DA MISSA

VINDIMANDO

elevação, pela magnificencia das suas ellipsoides de granito, pelo vasto panorama que da sua altura se desenrola.

A egreja, que se destaca ao fundo do quadro, é a do Senhor dos Passos, ou da imagem de Christo, primorosamente esculpturada em madeira. Não conhecemos imagem de Christo mais bella e mais sublime do que a que possue e venera religiosamente a egreja do Senhor dos Passos, de Guimarães.

Ha até uma legenda maravilhosa, a respeito da feitura d'aquella imagem, que omittimos, pela brevidade do espaço.

O palacio, que se avista ao lado da egreja, pertence ao sr. conde de Villa Pouca, e é o solar da sua illustre ascendencia, uma das mais fidalgas da provincia do Minho.

UM AMADOR DE TROMPA

Pertence á sociedade *Discipulos de Minerva*.

Quando vem da officina ingerir as sopas cazeiras, atordoa os ouvidos da vizinhança com os sons estridulas do seu instrumento predilecto. A' noite, ao largar o trabalho, faz outro tanto; e aos domingos, depois de jantar, quando já está com dois grãos na aza, ninguem o atura: é uma inferneira d'ensurdecer!

Os visinhos do predio votam-lhe um odio profundo, maldizendo aquellas barulhentas revelações artisticas, mas o velhote da trompa continua, impavidamente, a estudar o hymno da Carta e a ensaiar o sol-e-dó monotono da sua phylarmonica pacata.

Um philosopho.

VINDIMANDO

Anda na faina da vindima aquella valente mocetona da nossa estampa.

Mas, a julgar pelo meio sorriso que se lhe debuxa nos labios, e por uns reflexos de jubilo que se lhe divisam no olhar, a formosa vindimadora tem, não muito longe de si, algum *conversado* para quem olha contente, pensando mais no amor d'elle que nas uvas colhidas.

Aquella attitude revela-nos que anda moiro na costa, e que a paragem junto do vallado não passou d'um pretexto para trocar dois dedos de palestra com o *felizão*, longe das vistas curiosas.

Elles lá se entendem, e não seremos nós que iremos perturbar-lhes o idyllio em projecto.

A' VOLTA DA MISSA

Uma estrangeira qualquer, que sae da missa conventual, com os seus arrebiques domingueiros. Pelo typo e pelo traje deselegante afigura-se-nos uma ingleza provinciana.

A' primeira vista, com aquella chapeleta descommunal d'irmã da caridade, parece feia; mas olhando-a bem, acabaremos por achal-a formosa.

Com uma *toilette printanière* da Marie e as loiras tranças libertadas da coifa monstruosa, chegaria a ser um encanto.

E venham depois dizer-nos que o traje não é tudo, principalmente na mulher!

GUARDADO ESTÁ O BOCADO...

Em pleno estio, quando o calor suffoca os passarinhos e as almas christãs, é agradavel jantar proximo da janella aberta, offerecendo a face esbrazeada aos osculos da viração da tarde.

E' agradavel isto—repetimol'-o—mas tem seus inconvenientes, quando a mesa não dista muito da janella e a janella está a meio metro do *trottoir*, tentando os curiososos e os gulotões.

Senão, veja-se a nossa gravura.

Entre o assado e o *toast* veio um massador qualquer, e o dono da casa teve de ir recebel-o, *bon gré mal gré*, abandonando as fructas varias, que punham sobre a alvura immaculada da toalha uns tons deliciosos.

Dois garotos que passavam, deitaram para dentro olhos cupidos. Depois da olhadella furtiva, um d'elles, o mais velho, deitou a mão experimentada, e arrebanhou o melhor da sobremesa convidativa, dividindo com o parceiro as uvas appetitosas e as bellas peras lambe-lhe-os-dedos.

Moralidade do caso:—Guardado está o bocado para quem o ha de comer.

NOCTURNE

(A' EX.ma SR.a D. GUIOMAR TORREZÃO)

Dans la plaine d'azur jonchée d'étoiles d'or
Pas un nuage ne passe;
Comme au jour de Roland le son triste du cor
Sonne au loin pour la chasse.

Son armure d'acier la mer avec effort
Soulève dans l'espace;
Sur le sable mouvant la vague, qui s'endort
Comme l'éclair s'efface.

Dans l'air, qui rien ne trouble, et vague, et lumineux
Un parfum de violettes
Doucement vers l'azur va montant silencieux...

Et sous le ciel, qui semble un pré bleu de saphire
Semé de paquerettes,
Aux harpes de la Nuit la Nature soupire...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

MICROMEGAS.—Santarem.—A musa de v. ex.a não nos visitou ainda, que nós saibamos. Se o houvesse feito, Tom Pouce não deixaria de registrar a visita, pelo menos.

ASTURIANO.—Leiria.—No proximo numero.

F. E.—Barcellos.—Será attendido, mas aconselhamos-lhe que não explore muito o genero. Deve preferir outro.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Esta conjuncção allumia esta villa—1—1.

A. C.

Anda este astro n'esta flor—2—1.

A. V. C.

Esta ave na musica encontrou captiveiro—2—1.

Esta mulher, por ser generosa, é um peixe—2—1.

Esta mulher corre para as beatas—2—2.

Na arvore e n'este tecido encontrei um homem—1—1.

Esta lettra e esta villa aperta o mar—1—2—1.

Porto. JULIO RAUL ROBINEAU

Repette e suja este homem da egreja—1—1.

Dá nos vida este homem n'este movel—1—3.

Porto. EMILIA.

EM VERSO

Se o que nos dão as primeiras—2
Fosse ás segundas parar,—2
De certo que o lavrador
Não podia socegar
Sem as primeiras do todo
Ir no todo engaiolar.

CUNHAS.

CHARADA CONIMBRICENSE

(Por syllabas)

A primeira vertical
D'animaes prisão ha sido.
A segunda vertical
D'animaes é extrahido.

A primeira horisontal
Dá nas fructas, bem sabeis.
A segunda horisontal,
No exercito a vereis.

Na primeira diagonal
Temos joia de valor.
A segunda diagonal
E' de mui nobre senhor.

Queluz. CHRISTINA BRENNE ADRIÃO.

ADIVINHA POPULAR

**Mais veloz do que eu ninguem.
Sou linda como as estrellas.
Sem ser nau, ando com vellas.
De graça todos me têm,
Sou origem das janellas.**

JOSÉ D'OLIVEIRA E ARAUJO.

PROBLEMA

Achar 3 numeros que, multiplicados cada um d'elles pela sua somma, deem productos eguaes a 1400, 896 e 840.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Papagaio—Peseta—Epistola—Odo—Aiaia.
DO PROBLEMA:—Os numeros são: $\pm$ 20; $\pm$ 12; $\pm$ 8.

A RIR

Dois noivos vão a um estabelecimento de modas, escolher a corôa de flor de larangeira e varios artigos de *toilette* para o grande dia.

Depois de feita a compra, o dono da loja acompanha os freguezes até á porta, e diz á noiva:

—Espero que *vocencia* se lembrará do nosso estabelecimento quando tornar a casar!

*

Entre escriptores dramaticos:

—Então, a tua peça dá dinheiro?

—Devia dar bastante, mas o emprezario só a leva á scena quando não vae ninguem ao theatro!

*

N'um baile:

Uma senhora pede muito a um sujeito já velhote para dansar com ella, e pergunta-lhe:

—Prefere a valsa a dois tempos ou a tres tempos?

Elle:

—Ah! minha senhora! O que eu preferia era o tempo das valsas!

*

A senhora Z... tem os dentes muito amarellos. Possue apenas um branco, mas é postiço. Quando ri, vê-se este dente brilhar entre os outros, com um brilho immaculado.

Alguem, por esse motivo, chamou ha dias, ao referido dente, *estrella molar*.

*

Tu não tens juizo, conde! N'essa edade, correres atraz das raparigas!...

—Pateta! Na minha edade *corre-se* ainda... Quando tinha dezoito annos, *galopava!*

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Os saccos de mão que vós usaes, caras leitoras, perdem, com o andar do tempo, a côr preta primitiva. Quereis restituir-lh'a? E' facil.

Batei muito bem, n'uma chavena, as gemas de dois ovos e a clara d'um d'elles. N'outra chavena, misturae uma colher de sopa, d'aguardente, com uma colher de cha, d'assucar refinado, e uma porção de negro marfim. Juntae depois isto ás gemas e clara d'ovo batidas, e applicae sobre o sacco a mistura resultante, deixando-o seccar durante alguns dias.

Ficará como novo.

IDEAL

(A ***)

Quem é que o não sonhou ou não procura?
Ninguem! Alguns no ceu, outros no mar,
No bramir da tormenta, n'um altar,
Nas flores que matisam a planura.

Assim, os predilectos da ventura
Affirmam que elle existe n'um olhar
De mulher, ou n'um trecho de Mozart,
Sublimes de harmonia e de ternura.

Eu amo a humilde flôr que incensa o val,
Tenho o culto sagrado da harmonia,
E já notei o teu olhar fatal...

Ha, mesmo em tudo, abysmos de poesia:
E quer's saber qual é o meu ideal?
—O amargo e duro pão de cada dia.

Arcos de Val-de-Vez. A.

O ERRO

(CATULLE MENDÉS)

Elles viajavam quasi sempre, não se detendo nas cidades. Pareciam dois exilados, perseguidos por irreconciliaveis odios, temendo a todo o instante a possibilidade de uma surpreza,—e levando o perigo na bagagem. As raras pessoas que de relance avistavam os dois viajantes,—um homem e uma senhora,—notavam que elles prodigalisavam um ao outro as mais affectuosas attenções, mas que trocavam poucas palavras, tendo sempre nos labios um sorriso invariavel, similhante ao dos retratos: dir-se-hia que existia entre essas duas creaturas como que uma convenção de serem felizes e que o não eram.

Lembravam tambem dois doentes, reciprocamente condemnados, resolvidos a occultarem a sua dupla inquietação. Bem que estivessem sempre juntos, sentia-se em torno de ambos o vacuo da solidão. Soffriam as consequencias de um luto que não traziam. Entretanto, eram moços, bellos e apparentemente ricos. E todavia, uma mysteriosa melancolia, similhante á invisivel malaria que pesa sobre as frescas e luminosas paisagens, envolvia-os e opprimia-os.

*

Ha seis annos, em uma noite de outono, houve uma grande festa em um castello da Normandia; celebrava-se o casamento de Pedro de Morlex com a filha mais velha do marquez de Spérande; o pae e a mãe da noiva tinham querido solemnisar essa união havia tanto projectada; nas salas do rez-do-chão dançava um garrido enxame de parisienses, e no parque, sobre a relva, bailavam os camponezes, vestindo os seus melhores fatos, ostentando as suas mais vistosas galas. Um pouco antes da meia noite, os bailes afrouxaram; a noiva tinha subido ao seu quarto para ir vestir uma toilette de viagem; o sr. e a sr.ª de Morlex deviam partir n'essa mesma noite para a Italia; o noivo, impaciente, approximára-se da janella:

—Que faz ahi? perguntou a marqueza de Spérande.

—Receio que se tenham esquecido de pôr a carruagem. O comboyo passa á uma hora. Temos apenas o tempo indispensavel para chegar á gare.

—Comprehendo a sua impaciencia. A carruagem espera á porta, mas sua mulher não apparece. Ora vamos, meu genro, dou-lhe licença que vá bater á porta do quarto de sua mulher e pedir-lhe que abrevie a toilette.

Pedro de Morlex inclinou a cabeça, a marqueza beijou-lhe a testa, e elle saiu apressadamente da sala.

Morlex não experimentava uma grande paixão por essa menina, a quem acabara de dar o seu nome. Aos trinta annos, fatigado das loucuras da mocidade, acceitára com jubilo aquella noiva bonita, rica e distincta. Mas, como era natural, ao approximar-se o momento de ficar só com sua esposa, Morlex sentira uma recrudescencia de ternura.

De subito, no meio do corredor que conduzia ao quarto da noiva, Morlex parou: parecera-lhe ouvir um soluço. Não havia que duvidar, era um soluço suffocado, imperceptivel, como que partindo de uma mulher que chorasse, cobrindo a bocca com as mãos. Evidentemente, uma pessoa chorava no quarto á direita.

Inquieto, Morlex bateu á porta d'esse quarto e perguntou se estava alguem doente. Não lhe responderam. Encontrando uma chave, abriu a porta e entrou. Acto continuo, uma menina vestida de baile, os cabellos desgrenhados, ergueu-se e gritou:

—Que vem fazer aqui! Retire-se! Quero estar só. Creio que tenho direito de estar só e de chorar no meu quarto, em quanto os outros dançam?

E aquella que assim fallava, com os olhos espantados, palpitante, soluçante, occultando-se na sombra para que não a vissem, era Gabriella, a filha mais nova do marquez de Spérande.

*

Morlex, sinceramente compadecido, approximou-se. «O que succedera á sua pequena cunhada, como elle costumava chamar-lhe? Está doente, Gabriella? quem lhe fez mal? é talvez o desgosto de separar-se de sua irmã? Tranquillise-se, não nos demoraremos. Restituir-lh'a-hei d'aqui a alguns mezes. Quer que chame, que previna sua mãe?»

Mas assumindo uma expressão terrivel, ella, a creança despreoccupada, recuou, com o olhar inflammado, e com um gesto indicou a porta. Morlex, unicamente instigado pelo desejo de suavisar a dôr da pobre menina, approximou-se mais, apertou-lhe as mãos, e quiz obrigal-a a assentar-se. Gabriella fugiu-lhe e cahindo de joelhos, escondida nas pregas das cortinas, chorou desesperadamente.

—Quero estar só, repetia Gabriella; não peço nada a ninguem. Soffro. Deixem-me, deixem-me!

Elle não hesitou, correu para a porta, disposto a chamar alguem. Gabriella levantou-se arrebatadamente e collocando-se diante da porta, exclamou:

—Não quero ver minha mãe, nem minha irmã! Se insiste em chamar, deito-me da janella abaixo!

Pedro Morlex, estupefacto, contemplava-a em silencio. Gabriella

estava encantadora na exaltação da sua dôr, as faces purpureas, os cabellos soltos nos hombros.

—Não chamarei sua mãe, disse Morlex, mas imponho uma condição: quero saber a origem do seu desgosto. Confie em mim. Falle, supplico-lhe! Estava tão alegre esta manhã!...

Gabriella deixára-se cahir sobre a alcatifa.

—Oh! sou eu que lhe supplico, volveu com voz tremula, retire-se! Nada tenho a dizer-lhe. nada quero dizer-lhe.

Fallando assim, desviou-se, para que elle podesse sair sem lhe tocar. Pedro, excitado pela violencia d'essa angustia, aguilhoado pela curiosidade, disse-lhe brutalmente, fitando-a face a face:

GUARDADO ESTÁ O BOCADO...

—Has de fallar! Quero que me digas tudo! Soffres, dize porque? E' absolutamente necessario que falles!

De repente, Gabriella ergueu-se. As suas lagrimas cessaram, os seus gemidos emmudeceram. A sua bocca contrahiu-se:

—Tome sentido! se eu confessar o que me tortura, ficará aterrado! O esforço que eu fizer para quebrar o silencio crear-me-ha direitos que suplantarão todos os deveres, os meus e os seus! Se eu pronunciar as palavras que me exige, se der esse espantoso passo, acabou-se, deixarei de ser uma creança, uma cunhada, uma irmã. Não ficará na sua presença senão uma mulher resolvida a tudo e querendo tudo. Torno a pedir-lhe que saia d'este quarto, que vá procurar sua mulher, que o espera, que me deixe chorar, sem se inquietar por isso.

O assombro de Morlex augmentava de instante a instante. Nunca imaginára que essa creança, absorta no bordado ou em estudar Bellini, fosse capaz d'esses ardores, d'essas perturbações. Uma sensação indefinivel agitava-o. Curvado para essa encantadora creança, que se approximava, experimentava simultaneamente a angustia e a attracção que se sente ao aspecto de um abysmo de horror e de delicias.

—Vamos! insistiu elle, apertando-a nos braços, dominando-a, seja o que fôr que tenhas a confessar-me, falla!

—Ah! gritou ella em um gemido que foi como um dilaceramento, sabe pois a verdade:—amo-te!

Morlex largou-a e recuou. Ella amava-o! amava-o! E esse amor, odioso, incestuoso,—irresistivel,—Gabriella declarava-lh'o n'essa noite, no momento em que elle ia partir com aquella que desposára!

—Agora tremes, disse Gabriella, rindo amargamente. Lastimas a tua imprudencia. E' tarde. Preveni-te; suppliquei-te que não me interrogasses. Desejava ficar sendo sempre, aos teus olhos e aos de toda a gente, a insignificante menina que toca piano para os convidados dançarem, ou que borda nos cantos das casas conversando com a sua governante. Exigi-te eu alguma cousa? Mostrei-me triste quando pediste minha irmã em casamento? Não. Ri todo o dia como uma doida. O amor que existia em mim desde que vieste, este amor de que me alimentava noite e dia como se me sustentasse de chammas, occultára-o de maneira que ninguem o suspeitava. Mas tu roubaste-me o meu segredo, triumphaste, treme agora, como se se abrise diante de ti uma jaula de feras. Pedi-te que sahisses. Ordeno-te que fiques. Não partirás com minha irmã, e sabe que se lhe tocares, estrangulal-a-hei!

O delirio de Gabriella transmittiu-se a Morlex: o contagio da paixão enlouqueceu-o. Durante um instante fallaram ambos ao mesmo tempo, trocando palavras incoherentes, gritos inarticulados. Gabriella, desvairada, quiz fechar a porta.

—Não, disse elle, allucinado, abre a porta. Embrulha-te n'esta capa, esconde a cara. Fujamos. Tomar-te-hão por tua irmã. A carruagem espera-nos. Vamos, amo-te, quero-te, levo-te commigo! Quando derem pela nossa evasão, já estaremos longe!

*

Pedro Morlex e Gabriella partiram. Ninguem os deteve, ninguem a reconheceu; os creados fecharam a portinhola da carruagem, desejando boa viagem aos recem-casados. Dançava-se ainda nas galerias e no parque; toda a gente estava satisfeita e socegada; só começaram a inquietar-se quando a noiva, em toilette de viagem, o rosto coberto com um veu azul, como uma *miss* ingleza, entrou em uma das salas, perguntando a sua mãe: «Onde está meu marido?»

Desde esse dia, elles não deixaram nunca de fugir de terra em terra, unidos, risonhos,—escondendo-se algumas vezes para porem de parte o seu riso convencional,—e arrastando ao longo da Europa a tristeza do seu amor e a mentira da sua felicidade.

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso...............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa